

O Salto

VASCO MC MARTINS

O JORNAL DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS

LE JOURNAL DES TRAVAILLEURS PORTUGAIS IMMIGRÉS • B. P. 95 - PARIS 11 • C. C. P. «O SALTO» 56 2685 PARIS • MENSAL - 0,8 DM; 0,8 FL; 10 FB; 1F

A UNIÃO DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS

Neste número inicia-se a colaboração com "Novo Rumo" com os artigos: "Há 10 Anos, Angola Levantou-se Laranja" e a caricatura do "Corta-Fitas".

"Novo Rumo" é o jornal dos trabalhadores imigrados na Holanda, o que, facilmente, podemos comprovar pelos artigos publicados.

Até hoje, o nosso jornal quase que só falava da França. Com a colaboração de "Novo Rumo", "O Salto" estende-se até à Holanda.

Assim, começa-se a construir, pouco a pouco, a união de todos aqueles que lutam no seio da emigração para que os trabalhadores portugueses tenham os seus próprios jornais e associações.

Os fascistas estão divididos. Os seus jornais como "O Correio Português", o "Portugal Popular", o "Emigrante" acusam-se, mutuamente de ladrões em quase cada número. A pouca força que, ainda, têm, vêm-lhes do dinheiro dos subsídios dos Bancos e dos Consulados.

Nós, que não temos capitais, se lhes quisermos fazer frente temos de lutar unidos: temos de construir a União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados, estejam na Alemanha ou na Holanda, na Bélgica ou França.

A nossa união será a nossa força.

Hoje, um passo em frente foi dado, mas muitos restam ainda para dar.

É preciso que TODOS tomemos consciência de que QUEREMOS ter um jornal que nos informe e defenda e que, para isso, precisamos de lutar. Ninguém nos virá ajudar.

Trabalhadores portugueses emigrados, nós sabemos quanto é difícil, depois de um dia inteiro de trabalho, ainda ter que ler, escrever, etc., etc. Mas, se queremos sair da pobreza, da opressão, temos que fazer.

Todos ao trabalho.

Arranjando assinantes, vendendo o jornal, criticando por escrito os nossos trabalhos, enviando colaboração.

REPORTAGEM EM CHAMPIGNY

ACABARAM - SE AS BARRACAS ...



Rua Alexandre Fourni: As Novas Barracas

entrevista com uma emigrada

O diálogo que abaixo transcrevemos travou-se entre uma jovem Francesa e uma trabalhadora portuguesa emigrada. A sua conversa resume tão bem a situação da mulher em não importa qual local do mundo onde haja exploração, que nos pareceu ser do maior interesse reproduzir o que ambas disseram.

Encontrámo-las, num quarto de criada dum 6º andar dum prédio do 16 (o 16 é um dos bairros onde vivem os franceses ricos, salvo evidentemente nos quartos de criada).

Jovem F. - Você como é que veio para França? A salto?

Entrevistada - "A Salto" evidentemente. Para começar fui eu que me ocupei de tudo - de encontrar o passador, do dinheiro para lhe pagar, da preparação e da partida. Foi caro o passador: 7.500\$00 para nós. Ele começou por dizer que andaríamos pouco a pé, mas não era verdade: nós atravessámos a fronteira a pé, além disso era preciso levar as crianças ao colo, dar-lhes de comer e adormecê-las; depois fomos carregados em camiões: nós estávamos cansadíssimas, tínhamos muito frio mas não queríamos ser mandadas para Portugal. O passador não nos dava comida e tínhamos de pagar para comer um pouco de pão. Ele pediu-nos mais dinheiro do que aquele que tínhamos combinado. Enfim, nós chegámos a França, gelados, sem dinheiro ou quase. Saímos do com-

bóio em Paris-Austerlitz; pensávamos que tinham acabado as dificuldades e a miséria ali mas isso ia continuar".

Sim quando uma mulher chega a Paris ela encontra sempre dificuldades enormes. As agências ou particulares que alugam os quartos, aproveitam-se ao máximo da nossa situação de Emigrantes, para



mas as dificuldades vão continuar.

nos levar o máximo que possamos, pedindo-nos meses de avanço e garantias.

Jovem F. - Foi-lhe difícil arranjar um quarto?

(Continua na pag. 4)

A equipa de reportagem do "Salto" esteve, no dia 10 de Janeiro, no "foyer" de Champigny, situado na rua Alexandre Fourni, no número 94. Tinham-nos informado que o "bidonville" já não existia, era o "foyer" que o substituiu. Pensámos portanto que íamos encontrar um conjunto de habitações definitivas. O que encontramos afinal, foi um conjunto de uma espécie de caravanas, apoiadas cada uma delas em duas barras de madeira e cujas paredes eram finas placas de contraplacado. Entrevistamos vários habitantes deste novo "bidonville", um pouco mais alinhado e com serventia de água e esgotos, que nos contaram como a água gela nos canos com o frio e como o aquecimento é insuficiente.

Estas pequenas caravanas, abrigam cada uma oito portugueses e são propriedade da companhia "Les Foyers du Bâtiment et des Metaux" que sustenta vários outros empreendimentos deste género. O preço que estes nossos compatriotas pagam de aluguer é de 29 e 30 francos, cada um, por semana. As barracas são divididas em dois quartos, com quatro pessoas cada um, e uma sala central que serve de cozinha, refeitório e sala de estar. Devemos confessar que, pelo preço que pagam, poderiam encontrar facilmente em Paris um apartamento muito mais cómodo. E especialmente onde não teriam de patinhar durante um quarto de hora sobre a lama das ruelas para entrarem em casa... Mas enfim, este género de alojamento só apresenta um inconveniente: é o de se poder sair e entrar em qualquer altura, sem que o preço se eleve ao de um hotel.

À parte isso, não vimos assim nada de atraente e até um dos nossos entrevistados nos declarou que vivia melhor na sua anterior barraca que naquele alojamento onde, durante o Inverno, até a porta se lhe tinha gelado. Isto porque cada casa do "foyer" só tem direito a uma quantidade determinada de combustível para o aquecimento. Ora, pondo o aquecimento no mínimo, o combustível só dá para 12 horas por dia e se se apagar quando se vai trabalhar, no regresso, a casa esta completamente gelada pelo que tem de se pôr o aquecimento no máximo. É assim que se gasta o combustível rapidamente e se tem de "rapar frio".

Mas voltamos ao preço deste alojamento. Vinte e nove francos e trinta por semana faz cento e vinte e cinco francos e quarenta por mês e como cada casa tem oito pessoas é fácil concluir-se que a companhia se abotoa com mille três francos por mês por cada casa. Nada mau, não senhor, este negócio

(Continua na pag. 5)

18 de Janeiro de 1934, Marinha Grande

A MAIS GLORIOSA DAS NOSSAS DATAS

No dia 18 de Janeiro de 1934, os operários vidreiros da Marinha Grande, de armas na mão tomaram conta da vila. Isto talvez surpreenda muitos dos nossos leitores, mas é verdade. Em Portugal os trabalhadores tomaram conta daquilo que é seu.

Em Setembro de 1933, o governo de Salazar acabou com os sindicatos, criando os Sindicatos Nacionais. Os sindicatos dos trabalhadores reagiram, apelando à greve geral que culminou com a tomada da Marinha Grande.

A descrição do que se passou nesse dia que a seguir transcrevemos, foi escrita por José Gregório, que tomou parte nos acontecimentos.

"A notícia de que se ia organizar um movimento à escala nacional contra a fascização dos sindicatos e o governo, teve bom acolhimento entre os trabalhadores da Marinha. Os trabalhadores viam nesse movimento a única maneira de pôr cobro às injustiças de que vinham sendo vítimas e verem satisfeitas as suas aspirações: abertura do sindicato encerrado pelos fascistas, aumento de salários, medidas contra o desemprego, e autoridades locais que servissem a classe operária e não para servirem os patrões, como até então vinha sucedendo".

"Dada a convicção de que o movimento tomaria amplitude nacional, arreiçou-se a ideia dum movimento insurreccional, com vista não só à luta contra a lei de fascização dos sindicatos, como também com o fim de derrubar o governo e instaurar um novo regime; para isso, começou-se a preparar o movimento na Marinha para implantar um regime operário."

Como o movimento foi organizado

"Para que os operários pudessem alcançar a satisfação das suas aspirações, precisavam de se apoderar das armas que estavam na posse da força da GNR. O comité nomeado para dirigir o movimento começou antes do 18 de Janeiro a recolher todas as armas caçadeiras, revólveres e pistolas; trabalhou no sentido de carregar cartuchos (com carga especial) e arranjar munições para as restantes armas. Por outro lado, recrutou operários para as brigadas de ataque ao posto da GNR, ao posto dos correios, e outros para formarem as brigadas de derrubamento de árvores com o fim de obstruir

as estradas e impedir a passagem dos combóios e das forças repressivas de Leiria."

"A todas estas brigadas foram fornecidas as instruções indispensáveis ao manejo das armas e ao cumprimento da sua missão. Toda esta acção organizadora do movimento teve à



José Gregório

José Gregório, nasceu em 19 de Março de 1908 na Marinha Grande. Filho de operários, aos 8 anos começou a trabalhar como operário vidreiro. Desde a sua juventude que tomou parte nas lutas dos trabalhadores portugueses; quando tinha apenas 14 anos participou na organização da greve dos jovens operários da Companhia Industrial Portuguesa; na greve na fábrica dos Roldões

sua cabeça o camarada Manuel Esteves de Carvalho que, mesmo tuberculoso em último grau e imobilizado na cama, deu belas provas de firmeza e acção revolucionária".

O ataque

"Na noite de 17 de Janeiro e segundo o plano estabelecido, fez-se a concentração dos operários componentes das brigadas e muitos outros, assim como das armas, munições e ferramentas necessárias ao cumprimento do plano. Daqui, sob a direcção dum responsável que levava uma braçadeira vermelha, saíram cinco brigadas de 5 operários cada uma para o assalto ao posto da GNR; uma, dirigida por António Guerra, para o assalto ao edifício dos correios, duas para a interrupção da via férrea e várias outras para obstruir as estradas; outras brigadas saíram igualmente para cortar as linhas telefónicas".

"Deste modo, à uma hora da noite, quando toda a vila estava no mais completo silêncio e a seguir a um tiro disparado, toda

as brigadas começaram a actuar. As brigadas agiram tão simultaneamente e com um fogo tão cerrado que os guardas julgaram estar perante uma força com armamento pesado e não tiveram ânimo para esboçar a mais ligeira resistência, pelo que não deram sequer um tiro, e acaba-

que se prolongou durante 9 meses, etc.

Entre todas as lutas em que José Gregório tomou parte é de salientar a ocupação da Marinha Grande de que ele deixou o relato que aqui transcrevemos.

Aos 18 anos, José Gregório participou na reorganização da Associação dos Garrafeiros e em 1931 foi eleito presidente do Sindicato Nacional da Indústria do Vidro.

A seguir à ocupação da Marinha Grande, José Gregório teve que fugir para Espanha onde foi preso, tendo sido libertado devido à luta da classe operária de Orense, que incluiu a sua libertação nas reivindicações da greve geral então desencadeada.

Regressou a Portugal em 1938, sendo de novo preso e recusando-se a dar qualquer espécie de informações à polícia, foi barbaramente torturado.

Desde 1940 até 1961 data em que morreu foi um combatente heróico da classe operária completamente dedicado à causa dos trabalhadores.

ram por se render e sair do posto. Depois de revistados, foram presos dentro duma dependência da Fábrica Nacional do Vidro, sob a guarda de operários armados de carabina. Com as armas e munições da Guarda foram formadas novas brigadas para reforçar a defesa nas estradas. Passado pouco tempo, os correios estavam tomados, a linha férrea obstruída em dois pontos, as linhas telefónicas cortadas e as estradas cobertas de obstáculos."

O povo apoia a insurreição

"O tiroteio tinha despertado a vila e os seus arredores; das aldeias próximas acorriam trabalhadores, homens, mulheres e jovens, que se dispunham a participar no movimento. No centro da vila, próximo do posto e da Câmara Municipal iam-se juntando dezenas e dezenas de trabalhadores que, numa alegria indescrevível, davam vivas à classe operária, ao sindicato, misturados com "morras" ao governo e à polícia. Gritava-se: "Va-

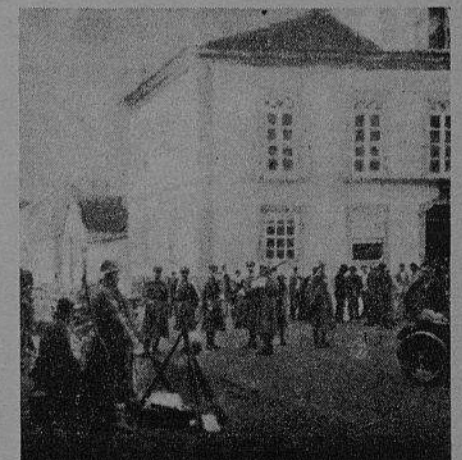
mos abrir o sindicato! Vamos organizar a recolha dos abastecimentos para distribuir! Reforcemos a defesa da nossa terra!"

A derrota do movimento

"Quando o povo estava reunido no centro da vila soaram as primeiras rajadas de metralhadora; os regimentos Infantaria 7 e Artilharia 4, as forças da PSP, da GNR e da Polícia de Informação, vindas de Leiria, assaltavam a vila por todos os lados".

"Este ataque inesperado foi possível porque se fizera o erro de não cortar imediatamente uma das linhas telefónicas que ligava a estação dos correios a Leiria, o que permitiu ao chefe dos correios telefonar a pedir reforços; as tropas, partindo de Leiria à uma hora da noite, conseguiram cercar a vila à sete da manhã, depois de removerem os obstáculos nas estradas".

"Colhidos de surpresa por forças muito superiores, os operários não foram capazes de organizar uma resistência eficaz. Refugiando-se nos pinhais, ainda tentaram reagrupar-se e resistir e vários foram feridos pelas rajadas de metralhadora. Mas o movimento, que não fora acompanhado pelas outras terras, ao contrário do que os operários supunham, estava irremediavelmente malogrado. Manuel Esteves de Carvalho e dezenas e dezenas de operários foram presos; as tropas a cavalo batiam os pinhais; a vila foi ocupada militarmente e reinavam as prisões a esmo, os espancamentos e o terror, até porque o inimigo receava um contra-ataque".



A Marinha Grande ocupada pelas forças da repressão.

A luta não termina

"Nestas condições, só um caminho se impunha: retirar para mais longe ainda, salvar das mãos da polícia os camaradas e outros operários que tinham conseguido escapar, escondendo as armas em sítios seguros onde pudessem ir buscá-las mais tarde".

Suspensa a Direcção do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa

No nº2 de "O Salto" anunciámos, numa curta nota, que tinha sido suspensa a direcção do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa.

Pareceu-nos que a notícia devia ser completada com a explicação da razão porque dizíamos: "mais u-

ma vez se prova o errado de tentar pôr direcções operárias nos sindicatos fascistas". O Ministério das Corporações e da Previdência Social intentou uma acção judicial, junto do Tribunal de Trabalho, com vista a demitir os dirigentes do Sindicato referido. Entretanto, a direcção foi suspensa, pois, segundo os fascistas os dirigentes sindicais "põem em perigo a disciplina social indispensável à regulamentação colectiva do trabalho no seu sector" e mais, são acusados de tratar os operários por "Camaradas metalúrgicos".

OS SINDICATOS NACIONAIS

Em Portugal não existem sindicatos porque para que um sindicato exista é preciso que tenha membros e que estes se tenham associado a ele, livremente. Isto, independentemente do facto do sindicato defender ou não os trabalhadores. Force Ouvrière, sindicato criado pela CIA (a PIDE americana), que embora defenda os patrões agrupa nela trabalhadores.

Ora, nada disto se passa com os sindicatos fascistas.

(Continua na pag. 4)

AS PENSÕES

Folheando o Diário de Lisboa de 21 de Novembro de 1970 encontramos uma notícia engraçada: "A pensão anual (sublinhado nosso) do juiz dr. Augusto Pais de Almeida e Silva foi fixada em 130.584 escudos, devendo ser paga pela Caixa Geral de Aposentações". Ora isto dá 10.882 escudos por mês. Nada mau, não senhor!... Como os juizes, em Portugal, defendem bem os interesses dos que trabalham, devem ser bem pagos... E os operários, quanto terão por mês quando já não puderem trabalhar?

... E o resto

Para responder à pergunta anterior transcrevemos uma das "Duas histórias de um Natal sem data" publicadas no "Jornal do Fundão" de 4-1-70. Trata-se de uma história simples que se repete quase todos os dias no nosso país...

"Falava-se do caso. Procurámos, por isso, já a cinco meses do desastre, o José Fernandes Luís, rapazinho de 14 anos, para saber o que se tinha passado. Sob um céu de neve, numa tarde de domingo, deixámos o 'quentinho' do Montalto e fomos até à Aldeia do Carvalho falar com ele, lá na Barreira. A porta, com o Zé Luís, veio a mãe, rodeada de mais cinco irmãos, todos eles caras de pobreza. 'O pai está para França e ainda não sabe que ele não vê'. E o rapazito contou:

No dia 8 de Agosto, 'eu estava a furar na máquina, depois partiu-se a broca e saltou-me para a vista esquerda e deixei logo de ver'. Do trabalho veio para Aldeia, ao Posto Médico, onde não foi atendido; no dia seguinte, foi ao Hospital onde ficou internado durante um mês e onde lhe extraíram o pedaço do ferro. No entanto, não mais viu...

O Seguro deu-lhe 150\$00 'umas vezes de três em três meses, outras de mês a mês...mas ainda tivemos de pagar as despesas dos carros e camionetas e sempre tinha de comer por lá...

Quería ser serralheiro e ficou como ficou".

Esta história retrata uma sociedade fascista e capitalista.

FECHO DAS UNIVERSIDADES

As autoridades universitárias decidiram no passado mês de Dezembro o fecho das Faculdades de Letras e de Ciências como também do Instituto Industrial de Lisboa para "acabar com a agitação dos estudantes que tinha aumentado nos últimos dias".

As Associações de Estudantes publicaram no dia 18 de Dezembro de 1970 um comunicado à população que poderá esclarecer acerca do sucedido e que publicamos em seguida. Entretanto o Ministério da "Educação Nacional" fez publicar uma nota oficiosa em todos os jornais do país, que só não publicamos por ser já muito repetida. Basta consultar, para quem tiver dúvidas acerca do que diz o comunicado dos estudantes, qualquer jornal fascista que se publique desde há quarenta anos. As universidades, em Portugal, fecharam sempre pelos mesmos motivos...

DOS ESTUDANTES À POPULAÇÃO

Foi publicada nos jornais do dia 17 de Dezembro, uma notícia sobre as "perturbações na Universidade de Lisboa".

No início deste ano lectivo, no Instituto Comercial, foi instaurado um processo disciplinar a um estudante que tinha posto dúvidas a um professor. Cinco dos seus colegas foram depois suspensos das aulas, devido a "incitamento à indisciplina", por informarem os restantes alunos. Daí para cá, frequentemente, é chamada a polícia para impedir os estudantes de se reunirem.

No Instituto Industrial, aquando da mudança de instalações, as autoridades suspenderam a actividade da associação dos estudan-

tes, tentando submetê-los à odiada organização fascista, Mocidade Portuguesa. Os estudantes protestaram e quatro foram suspensos logo nos primeiros dias.

(...)Na notícia que saiu, além da deturpação dos factos, procura-se atribuir tudo a meia dúzia de indivíduos. Os estudantes não permitirão que se abata a repressão sobre quaisquer dirigentes ou colegas mais activos.

Os jornais deturparam os acontecimentos. Porquê?

Porque os donos dos bancos, das fábricas, das indústrias e das terras, são também os dos jornais. São eles também que influem nas decisões do Governo, que mandam na polícia e nos tribunais. É também ao serviço deles que se encontram o ensino e a universidade actuais, produzindo os técnicos, juristas, economistas e especialistas de que necessitam.

Essa minoria, que oprime e explora as classes trabalhadoras, a grande maioria da população, não está interessada em ver o seu domínio posto em causa, seja onde fôr. Para o evitar utiliza todos os métodos de repressão ao seu alcance, compreendendo as forças armadas: PSP, Legião, GNR, PIDE e o Exército.

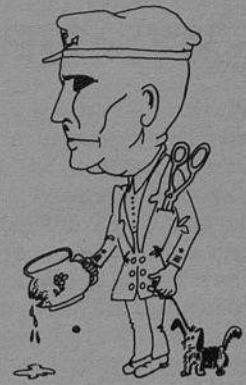
Os estudantes lutam por um ensino ao serviço das camadas trabalhadoras. Esta é a sua pequena contribuição para a luta mais geral, pela transformação da sociedade, que elas desenvolvem.

ABAIXO A REPRESSÃO

ABAIXO A EXPLORAÇÃO

Lisboa, 18 de Dezembro de 1970

as Associações de Estudantes"



O CORTA-FITAS

Uma das características da burguesia é o parasitismo. Toda essa classe vive sem trabalhar, à custa do que nós, operários ou camponeses, produzimos.

Ora um dos maiores parasitas (animal que vive à custa de outro) é o ridículo espantalho da burguesia portuguesa, Américo Tomás.

Para termos uma ideia do que eles entendem por produzir, vejamos esta passagem do seu discurso em Aveiro, no Congresso dos Bombeiros: "Hoje tivemos uma manhã sumamente produtiva. Primeiro assistimos à Santa Missa e, depois, inauguramos o monumento ao Bombeiro Português". Como ele, porque já não diz coisa com coisa, começa a dar nas vistas, isto é, a descobrir a careca dos seus compadres, estes já pensam se seria bom ou não tirar-lhe o cargo.

A revisão da Constituição seria o momento para acabar com o cargo de Presidente do Conselho. As funções deste passariam para o Presidente da República. É claro que o futuro "corta-fitas" seria o senhor Marcelo. Isto já se sabia há muito. Tinha vindo numa revista francesa (L'Express).

Entretanto, a quadrilha reuniu-se e achou melhor desistir, por enquanto, do projecto, e vai daí o Marcelo fez um discurso na Assembleia e disse que era preciso haver os dois cargos.

Mas o espantalho está demasiado gágá e, mal lhe deixam a trela livre, lá vem ele de novo a traír os seus amigos, defenendo-os a todos e a si mesmo na sua mensagem de Ano Novo, dizendo: "Além das deslocações que os centenários ocorridos determinaram, manteve o ritmo de peregrinação ao longo do país que há 12 anos iniciei e que continuo, considerando não apenas necessário como até indispensável".

Talvez eles acabem por tirar este espantalho de Presidente da República e ponham lá o Marcelo ou outro. Mas estes continuarão a ser os espantalhos da burguesia portuguesa; e como espantalhos que são, já só espantam passarinhos.

José Rocha

UMA EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

(Continuação da pag. 8)

quase afirmar, para melhor a cumprir, agora que somos mais e que trabalhamos melhor, não se passará um mês sem que o Salto não seja distribuído ao emigrante português: E será então esse emigrante que o ajudará a progredir e a ir mais longe.

Foi deste modo que o Salto começou e só assim poderá continuar a existir o jornal dos trabalhadores portugueses emigrados.

entrevista com uma emigrada

(Continuação da pág. 1)

ENT. - "Quando chegámos a França, eu o meu homem e os nossos dois filhos, fomos viver para um hotel onde pagávamos 30F por dia. Quero dizer por noite pois o gerente do hotel proibia-nos de lá passar o dia; o dia, passávamo-lo nos bancos de Paris, enquanto o meu homem procurava arranjar emprego. Tinha uma raiva a esse gerente, dava-me vontade de lhe cuspir na cara..."

Jovem F. - E depois?

ENT. - Depois, viemos viver para este quarto. Eu, o meu homem e os meus dois filhos. Aqui cozinho e lavo a roupa. Mas, eu precisava de trabalhar e era-me impossível por causa das crianças.

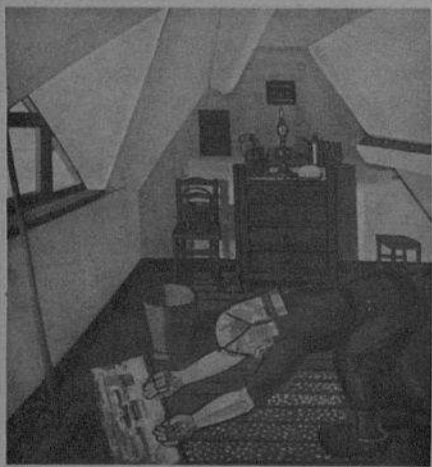
Jovem F. - Como resolveram o problema? Em quase toda a parte é assim, quer seja nos bairros de lata, ou nos lares para Emigrados (Foyers), pois nesta sociedade os únicos que vivem bem são os patrões.

ENT. - Você tem razão, eu comecei por procurar arranjar lugar numa creche para lá pôr os meus filhos mas estavam todas cheias. Olhe! Acabei por os mandar para Portugal para casa da avó, pois eu precisava de ir trabalhar e o que o meu homem ganhava não chegava. Tinha imenso medo de os deixar sózinhos em casa e um dia ao voltar a casa encontrá-los mortos, como li outro dia que aconteceu, aqui em França já não sei onde. Você lembra-se?

Jovem F. - Desse caso não me lembro mas acredito perfeitamente. Os que enriquecem à custa do nosso trabalho, procuram por todos os meios que a mulher não saia de casa, para que nos não compreendamos a necessidade de lutar pela nossa liberdade. Assim, eles mantêm o domínio do homem sobre a mulher. E fazem de nós pessoas que aceitam tudo sem discutir.

ENT. - Se ser livre é ser como certas meninas cá em França, eu antes quero é continuar na mesma.

Jovem F. - Não, a luta das mulheres não é isso. A França não é



Pintura de Jean Brusselmans

o paraíso que muitas pensam vir encontrar. Mesmo se as mulheres parecem ter mais liberdade, elas são tão escravizadas como em Portugal. Ser livre, não é passear-se de mini-saia ou maxi-saia como a burguesia procura fazer crer, mas sim ganhar tanto como os homens pelo mesmo trabalho. Ser livre não é mudar de homem como se muda de camisa, mas sim encontrar no homem o companheiro de trabalho e de luta.

ENT. - Isso que você diz é bem verdade. Eu, o único trabalho que consegui arranjar foi como criada de servir, e olhe que o meu homem já me disse que nunca aceitaria trabalhar 12 h. por dia ganhando

so 800 N.fr por mês, como eu.

A nossa conversa ainda continuou durante muito tempo, sobretudo no que diz respeito às condições de vida das criadas de servir. Este assunto pareceu-nos ser de uma grande importância e merecer que se recolhesse mais depoimentos sobre o caso. O resultado desse inquérito será publicado no próximo número, sob o título "Bonne à tout faire quer dizer Escrava".

Suspensa a Direcção...

(Continuação da pág. 3)

cistas portuguesas, os "Sindicatos Nacionais". Estes foram criados pelo "Estatuto do Trabalho Nacional" há cerca de 40 anos. São "repartições do estado" das quais todos os trabalhadores são sócios, quer queiram ou não, pois os patrões descontam, directamente dos salários, a cota sindical.

Estes "Sindicatos" estão sob o controle directo da PIDE (DGS) e do Ministério das Corporações. As direcções sindicais são, cuidadosamente, escolhidas para não deixar passar ninguém que defenda os trabalhadores.

DIRECÇÕES SINDICAIS OPERÁRIAS

Se através de uma campanha eleitoral bem feita se consegue eleger uma Direcção operária para os sindicatos fascista, que acontece?

Primeiro: é muito difícil fazer essa campanha eleitoral. Desde a sua criação que os trabalhadores compreenderam o que eram os Sindicatos Nacionais, por isso, não põem lá os pés nem para votar.

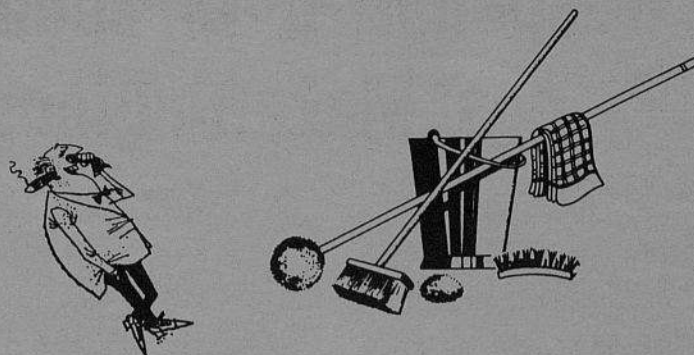
Segundo: seria levar os trabalhadores aos Sindicatos Fascistas, o que só poderia servir aos fascistas, que assim poderiam controlar melhor os trabalhadores.

Terceiro: se essa direcção operária é eleita o que lhes acontece que os fascistas, ao descobrirem que eles não são dos deles, ou os metemna cadeia ou os suspendem como aconteceu, agora, aos metalúrgicos de Lisboa.

Mas o que fazem os trabalhadores portugueses perante isto? Como se organizam eles para pedir aumentos? Logo a seguir à criação dos Sindicatos Fascistas os trabalhadores criaram um movimento clandestino que chegou a contar muitos milhares de aderentes. Nos últimos anos, o melhor exemplo é o da greve da Carris dirigida por um comité sindical clandestino.

José Rocha

a vassoura e o lixo



O LARANJO INSISTE

Nós somos tantos os que andamos pelo estrangeiro que, como era de esperar, vem cá parar de tudo. A par dos que vêm para trabalhar há os que vêm para viver da aldrabice e da vigarice. Esses juntam-se aos patrões e, como eles, sofrerão, na altura devida, o castigo do povo.

Entretanto, há que denunciar e combater a acção de todos os vigaristas.

Transcrevemos, a seguir, da secção "A Vassoura e o Lixo" do "Novo Rumo" o artigo "O Laranjo Insiste", terceiro artigo "dedicado" a esse aldabão.

Empenhado em varrer toda a porcaria que por aí há o "Novo Rumo" merece a colaboração de todos os trabalhadores portugueses e adverte-nos de mais este tipo de intrujice.

Continuem, amigos! A vitória é certa pois todos os Laranjos escorregarão na casca.

«Pensámos que tínhamos arrumado de vez os problemas com o Laranjo. Pouco a pouco foram-nos chegando informações como "O Laranjo diz que vos põe todos em Portugal", "O Laranjo vai processar-vos", "O Laranjo já se despediu do Amstel Hotel", "Afim! ele não sai do Amstel, muda é de secção". Mas, eis que ele nos surge de novo ao ataque, correndo como se fosse um extremo e dando mais um dos brilhantes que o seu não menos brilhante cérebro está habituado a dar.

Mas vamos aos factos que só paleio não interessa.

Como todos sabemos, o dia de S. Nicolau foi no dia de 5 de Dezembro. Nesse dia, o Laranjo mandou os portugueses, que trabalham no Hotel, para casa às 9 da noite (o horário era das 2 da tarde às 11 e 30 da noite) por ser dia de S. Nicolau. Tudo muito certo e muito bonito, contudo só foram pagos até às 9 da noite, o que não interessava a nenhum dos operários. Um dos operários reclamou que não estava certo mandarem-nos embora sem pagarem o dia completo.

Esse operário que reclamou, esteve dois dias de folga (6 e 7 de Dezembro) e no dia 8 apresentou-se ao trabalho. O Laranjo chamou-o e disse-lhe que, por ele ter protestado, tinha 4 horas de castigo. Assim, em vez de entrar às 2 da

tarde, só às 6 entrava de serviço. Como medida de castigo contra os trabalhadores que só possuem passaporte de turista (e que também protestaram) o Laranjo decidiu que, a partir dessa data, esses trabalhadores passariam a entrar às duas da tarde, mas a saírem quando acabassem o trabalho. Se acabassem às 7 saíam às 7 horas, se fosse às 8 saíam às 8, etc. e evidentemente que sem pagar o horário completo.

E é assim que o senhor Manuel Laranjo actua na sua função de lacão dos capitalistas do Amstel Hotel. Contra os trabalhadores, ao lado dos patrões, dobrando a espinha quando estes passam. No cimo da sua inutilidade apare-



ce toda a mesquinhez e idiotice acumulada por anos e anos na procura do caminho mais fácil que o conduziu ao lugarzinho de chefe. Ena Holanda conseguiu-o. E todos os seus vícios aparecem todos os dias.

Bem, senhor Laranjo, embora o senhor seja um dos maiores montes de lixo que o nosso jornal tem tentado varrer, acredite que tem outros colegas que também têm no activo muitas e brilhantes façanhas e a quem nós também temos o dever de dedicar a nossa atenção e as nossas amabilidades. Por isso, pedimos-lhe encarecidamente o obséquio de estar sossegadinho durante uns tempos porque, como calcula, nem em todos os números de "Novo Rumo" nós podemos dispor duma colunazinha para si.

Até à próxima.»

UM TRABALHADOR PREVENIDO VALE POR DOIS

A assistência médica

I- Inscrições na "Sécurité Sociale"

A- Todos os trabalhadores têm o direito de estar inscritos na "Sécurité Sociale".

B- Segundo a lei, todos os patrões ou chefes de serviço têm a obrigação de declarar os seus empregados na "Sécurité Sociale" o mais rapidamente possível e há muitos que não o fazem (para não terem que pagar a sua cotização).

C- Todos os operários devem, portanto, EXIGIR aos patrões ou chefes de serviço que os declarem na "Sécurité Sociale".

II- Assistência na doença

A- Para se ter direito à assistência na doença é preciso:

1º- estar declarado na "Sécurité Sociale" antes da primeira consulta médica;

2º- ter trabalhado, pelo menos, 200 horas nos três meses anteriores à 1ª consulta médica.

B- O trabalhador nestas condições em caso de doença deve:

1º- ir ao médico;

2º- chamar o médico a casa se a doença for grave;

C- Consulta, baixa e alta:

1º- depois da consulta o médico dará uma folha de doença que, depois de preenchida, deve ser enviada pelo trabalhador à "Sécurité Sociale" o mais rapidamente possível.

2º- Se o médico ordena uma interrupção no trabalho ele deve entregar ao doente uma Folha de Paragem do Trabalho (Folha de "ARRÊT ou de CESSATION DU TRAVAIL"), em dois exemplares para o trabalhador enviar

a) uma à "Sécurité Sociale" (no prazo de 2 dias);

b) outra ao patrão.

3º- Para recomeçar a trabalhar é necessário autorização do médico que dará ao trabalhador a Folha de Recomeço (Folha de "REPRISE DU TRAVAIL") em dois exemplares que o trabalhador enviará:

a) uma à "Sécurité Sociale" (no prazo de 2 dias);

b) outra ao patrão.

-D- MEDICAMENTOS

1º- Quando da consulta o médico pode passar uma receita.

2º- Os medicamentos comprados trazem uma etiqueta colada. Todas essas etiquetas devem ser descoladas da embalagem e coladas na receita.

3º- As receitas depois de terem as etiquetas coladas serão enviadas à "Sécurité Sociale".

-E- CASOS ESPECIAIS

Nalguns casos (operações, tratamento dos dentes, óculos, etc.) o tratamento do doente não poderá começar senão depois de pedir uma autorização à "Sécurité Sociale".

F- REEMBOLSAMENTOS

1º- Todas as consultas, hospitalizações e medicamentos são pagas pelos trabalhadores. É preciso, portanto, enviar todos os papéis à "Sécurité Sociale", pelo correio e o mais rapidamente possível, para ter direito a ser reembolsado.

2º- A "Sécurité Sociale" pagará 75% de todas essas despesas (se forem enviados os papéis), salvo alguns casos especiais em que é diferente.

3º- Quando se vai à Caixa pedir o reembolso deve-se apresentar os seguintes documentos:

- carta de matrícula (carte d'immatriculation);

- carte de "séjour" ou "récepissé";

- folhas de salários (folhas de "paye") do tempo em que decorreu a doença;

- certificado de "arrêt" do trabalho passado pelo patrão (quando há interrupção do trabalho)

-G- TEM DIREITO A ASSISTÊNCIA NA DOENÇA:

1º o assegurado;

2º o marido ou a mulher do assegurado (se não o for também);

3º os filhos a seu cargo (até aos 16 anos ou mais se prosseguirem os estudos),

4º eventualmente, outro familiar desde que se encontre a cargo do assegurado e viva na sua casa.



Em Champigny continua-se a construir no bidonville.

ACABARAM-SE AS BARRACAS...

(Continuação da pág. 1)

da emigração... Ainda há quem diga por aí que os estrangeiros vêm tirar opão aos franceses! Lérias!

Mas há mais! Assim que se apanharam 582 portugueses reunidos numa só penada todo o mundo se precipita a propôr negócios.

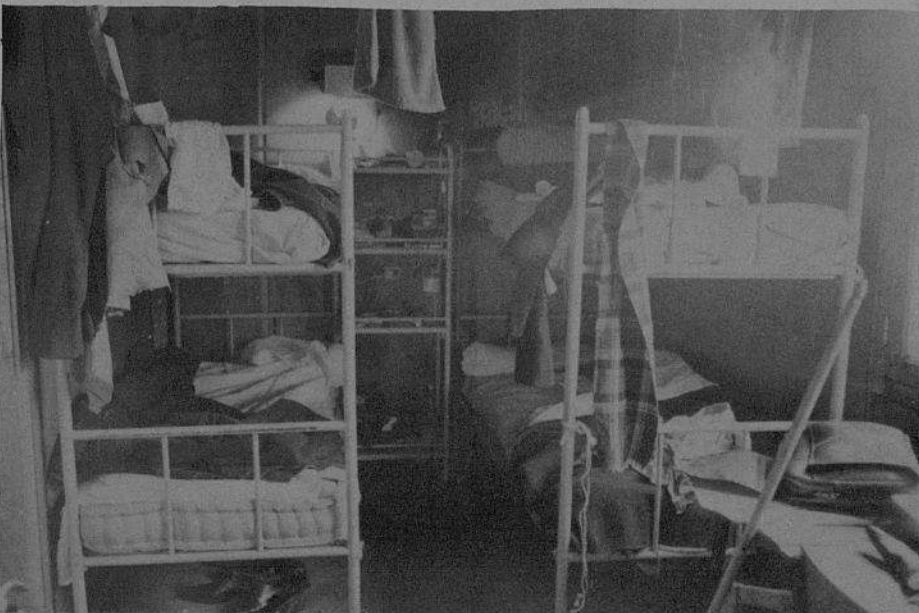
Por exemplo, o caso de um porteiro do consulado que fez uma recolha de documentos e de trezentos francos por cada interessado a quem prometia passaportes.

Um dos nossos entrevistados, cheio de boa-fé no homem, (para mais ele vinha recomendado por um seu conhecido) vai de lhe entregar toda a papelada que possuía e mais trezentos francos. Foi-lhe garantido que receberia o seu passaporte daí a pouco tempo. Como o dito

passaporte tardasse a chegar, o nosso amigo resolveu tirar informações do estranho porteiro junto da pessoa que lho tinha recomendado. Por entre gaguejos e "fugidelas com o rabo à seringa" o nosso amigo conseguiu perceber que o tal homem, a quem tinha entregue os seus documentos e o dinheiro, já não era porteiro no consulado e que naturalmente deveria ter ido aldrabar para outro sítio...

Terminamos portanto esta nossa pequena reportagem a um dos "foyers" de Champigny com o seguinte aviso: cuidado com os "porteiros" do consulado e quaisquer outros serviços especiais da mesma origem. Nunca vêm por bem...

Luis Ferreira e Neto Coelho



O interior duma das novas barracas.

Mais uma criança portuguesa morta

Manuel Ferreira que todos os dias, com outros trabalhadores como ele constrói prédios (trabalha numa obra em Plaisir), tudo o que conseguiu arranjar para viver, ele, sua mulher e seu filho, foi uma caravana perto da Gare de Plaisir-Grignon, nas Yvelines.

No dia 27 de Janeiro, ele e sua mulher Felícia, que trabalha como criada de servir em Saint-Germain-en-Laye, partiram para o trabalho. Na barraca, dormindo, ficou o seu filho, Jorge, de 3 meses.

As 9 horas, a vizinha, que habitualmente tomava conta da criança foi vê-la. Encontrou a criança com o rosto completamente devorado pelos ratos do que veio a morrer.

No sábado, 17 de Outubro, uma história quase idêntica passava-se em Noisy-le-Grand. Nesse dia, outra criança portuguesa, o José António de 3 anos e meio, morria queimada na barraca onde vivia, enquanto o seu pai, pedreiro em Montreuil, construa prédios. Como as barracas deixam entrar muito frio, a mãe deixara o carvão a arder enquanto ia levar a filha mais velha à escola a La Varenne.

Quando voltou a barraca tinha ardido e, com ela, o seu filho José António.

O "Figaro" de 19 de Outubro comentava assim o acontecimento: "Tónio morreu porque os seus pais acreditavam que podiam viver no nosso país como no deles".

Não, isso não é verdade.

Tónio (que é José António!) e Jorge morreram porque eram filhos de trabalhadores. Sim, porque embora sejam eles quem tudo constrói são obrigados a viver em barracas ou outras espeduncas iguais. Ou, será nos riquíssimos apartamentos, em que vivem os redactores do "Figaro" que há incêndios e ratos?

Não! Que as paredes não são de gesso ou de madeira.

Os filhos desses senhores estão nas creches ou têm-nos, a nós como seus criados. Tanto a mãe do Jorge como a do José António deixaram os seus filhos sozinho porque a isso foram obrigadas: a primeira para poder ganhar mais uns cobres para saírem da miséria; a segunda para levar a filha à escola. Estamos certos que o faziam com o coração em sobressaltos.

Não, senhores do "Figaro"! Os trabalhadores não gostam de viver em espeduncas; são obrigados a isso porque o que lhes pagam não dá para pagar as somas que os vossos amigos das agências e os senhores pedem para arranjar casa; nem dá, sequer,

(Continua na pág. 8)

ORA BOLAS ...



Portugal é um país de "desportistas". O desporto que mais se pratica é a ginástica. Anda tudo a esticar o ordenado a ver se ele chega pelo menos ao dia 20.

Mas também há muitos, muitos, muitos "desportistas de bancada". Enquanto 22 profissionais jogam à bola uns bons milhares praticam o "desporto" da garganta", das palmas e dos assobios.

O que toda a malta está treinada é a pagar o bilheteinho (e assim vão "engordando" uns quantos capitalistas. Somos uns Zés Pagantes.

Ainda há gente que anda enganada e pensa que quando um capitalista entra com umas "massas" para o futebol que é por ser generoso?

E o que eles vão buscar depois na venda de gasolina, de cerveja, de laranjada, de jornais, etc., etc., etc.

E a propaganda que fazem deles próprios?

E, além disso, o que eles querem é que a gente ao domingo vá à bola e durante a semana a discuta para não discutirmos outras coisas que mais nos interessam (e a eles não).

Já vocês pensaram que andamos a ser enganados e que em vez de andarmos a chamar nomes ao árbitro e, muitas vezes, aos murros uns com os outros bem podíamos dar "porrada" a quem bem precisa.

Isto do futebol tem dois "jogos".

Um no campo...outro na "sombra".

É o jogo dos interesses dos dirigentes-capitalistas!

Há os que querem "tacho", os que se "arranjam" e... outros.

Esses...são os que já tendo "tacho" nos querem tãpar os olhos.

E cada qual puxa a brasa à sua sardinha.

Para comerem TODO o bolo os dirigentes dos clubes formaram a Liga dos Clubes Profissionais.

E a Liga joga ao ataque. Para começar denunciaram os dirigentes e funcionários da Federação que tinham empregos remunerados no Totobola.

E isso vai tão longe que há tempo, e na Televisão, até um jornalista desportivo perguntava:

para onde foram os 200 mil contos que o Totobola deu para o futebol nestes últimos anos?

Isto de ser dirigente dos futebolis dá direito a umas ricas passeatas e a uns belos "tachos": fama e proveito.

Zangam-se as comadres, descubrem-se as verdades.

Jose Luis

Prisões em Angola

(Continuação da pág.7.)

Eis a identidade de alguns dos anti-colonialistas presos em Outubro-Novembro de 1969 e deportados para o campo de concentração do Tarrafal (em Cabo Verde):

Eduardo Valentim (Juca), Gilberto Carvalho, Jaime Cohen, Justino da Conceição, Vicente de Andrade, Justino de Andrade, irmão do antecedente, Bernardo Teixeira, Alcino Borges, Alberto Neto, Paiva Silva - este patriota tinha cumprido, dois meses antes, uma pena de 9 anos no campo de concentração de S. Nicolau (deserto de Moçâmedes). Trata-se uma vez mais, numa "medida administrativa"...

Alguns destes patriotas, sob a ameaça de fuzilamento imediato, assinaram uma "confissão", segundo a qual se propunham, através das suas "actividades subversivas", assassinar Marcelo Caetano!

Em Lisboa, sensivelmente na mesma altura, a PIDE procede a uma série de prisões de anti-colonialistas.

Numa nota enviada à imprensa no dia 15 de Abril 1970, a PIDE noticiava que 9 anti-colonialistas tinham sido entregues ao Tribunal Criminal para futuro julgamento.

No dia 11 de Fevereiro, o Tribunal Plenário de Lisboa julgou estes 9 militantes na sua maior parte originários de Angola.

Eis a sua identidade:

Joaquim da Rocha Pinto de Andrade, natural de Angola, Álvaro Santos, natural de Benguela (Angola), Raúl Feio natural de Huambo (Angola), José Cruz, natural de Cabo Verde, Maria da Silva, natural de Lisboa, Diana Andringa, natural de Luanda, António Neto, natural de Luanda, Rui Ramos, natural de Luanda, Fernando Ferreira, natural de Malunje (Angola).

O processo dos 9 militantes anti-colonialistas que começou no dia 11 de Fevereiro, a vaga de prisões de Outubro-Novembro de 1969 em Angola e outras colónias, trazem à luz do dia o carácter de dominação colonialista portuguesa, os crimes de guerra cometidos pelo exército colonialista, a intervenção cada vez mais acentuada de outras potências imperialistas, as torturas e as deportações efectadas sob o controle da PIDE, os vários campos de concentração aonde estão presos os melhores filhos do povo africano em luta pela sua independência.

os pontos nos is

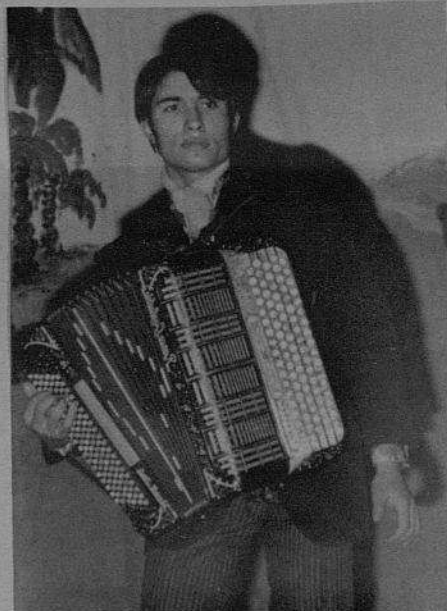
Caros Amigos do jornal "O Salto"

Depois de ter lido os dois primeiros números do novo jornal "O Salto", fiquei com a impressão de que realmente foi dado um grande salto em frente para junto dos trabalhadores, em matéria de jornais. Digo isto porque o conteúdo da leitura destes dois primeiros números de "O Salto" começaram quanto a mim, a pôr os pontos nos is, em relação aos muitos problemas que atormentam os trabalhadores portugueses dentro e fora de Portugal e onde eu destaco como um dos problemas mais importantes da actualidade na vida do povo português, o problema da guerra colonial.

Assim, eu considero que o novo jornal "O Salto" i-

centro de iniciação cultural

A ideia de criar clubes de trabalhadores espalha-se. Assim foi criado na Place d'Italie um novo clube, onde os trabalhadores da região po-



O acordeonista Fernando dos Santos

dem conviver e aprender Francês.

Este clube organizou, em colaboração com o C.J.T.P. de Paris uma festa no dia 31 de Dezembro. Nela salientou-se o jovem acordeonista Fernando dos Santos, que sozinho animou o bailarico, que se seguiu até de madrugada.

A assistência mostrou por várias vezes preferir a música popular portuguesa à música comercial. Assim determinada altura, quando se tinha posto a tocar um disco dos Beatles, para o acordeonista descansar, os presentes começaram a desanimar e alguns mesmo a sair. Fernando dos Santos, mesmo com o disco a tocar, agarra no seu acordeon e vai pelo meio da assistência tocando música popular portuguesa, abafando o barulho da música pop. As pessoas começaram a dançar com grande entusiasmo.

rá tornar-se em pouco tempo um jornal de muito prestígio junto da massa de emigrantes no estrangeiro. Quando se compara o jornal "O Salto" com toda a lenda de jornais falsamente populares que por aí andam que por aí têm andado emitidos pelos bancos, pelo consulado português e por muito outros exploradores da mesma laia, não tenho dúvida de que com o aparecimento do jornal "O Salto" se está realmente na presença de um jornal de tipo novo que assenta os seus alicerces na honestidade e no respeito pelos trabalhadores. Basta que estes alicerces se consolidem nos bons princípios que já defende, honestidade e respeito pela verdade, e a garantia da popularidade do novo jornal "O Salto" estará assegurada como um jornal efectivamente ao serviço e na defesa dos que trabalham para os que trabalham, este novo jornal pode e deve ser também um elo de ligação e união entre os trabalhadores emigrantes portugueses na defesa dos seus direitos e pela sua libertação contra a opressão e a exploração burguesa patronal capitalista.

Banlieu de Paris
Janeiro de 1971

Um operário leitor de "O Salto"

UMA PLANTA CHAMADA MARCELA

Amigos do jornal O Salto

Através de um amigo recebo o vosso jornal em minha casa. Este camarada, tal como eu, é um dos muitos emigrados clandestinos revoltados contra a tirania e agora a tirania é outra, embora montada nos mesmos alicerces.

Antigamente chamava-se Salazarista, agora Marcelista, que deriva de Marcelo e que deve vir de uma planta chamada Marcela.

Não sei se por acaso conhecem uma pequena planta com uma cabeçinha amarela que as nossas avós colhiam para fazer chá?

Eram tão difíceis de trazer que hoje quando penso nelas penso logo no Marcelo, Caetano claro!...

Bem, todos os meses continuarei a comprar o jornal a este meu amigo.

Com respeito aos versos, nada tenho de poeta. Se acharem bem publiquem.

Adeus. Um Abraço

*** L.

Na hora que passa

Na brecha que se abre

Ai de nós que desgraça

Se não estrangulamos os corvos

Que nos devoram em massa

guerra colonial

HÁ 10 ANOS, ANGOLA LEVANTOU-SE!

A 4 de Fevereiro de 1961, os patriotas africanos de Angola, pegavam em armas contra os exploradores colonialistas portugueses.

Nesse dia foram atacadas a prisão militar, o quartel da polícia e a prisão civil em Luanda. Nos arredores das



As atrocidades dos colonialistas portugueses...

As atrocidades dos colonialistas portugueses... cidades, muitas unidades militares foram atacadas de emboscada. A luta foi violenta, tendo havido perdas de lado a lado, sendo os patriotas negros obrigados a retirar.

Os colonialistas ficaram de tal modo histéricos e enraivecidos que fizeram as maiores atrocidades. Todo o africano que vissem passar na rua, atiravam sobre ele. Os bairros negros de S. Paulo e Muceque foram esmagados pelo exército e a polícia. Os tanques do exército entravam de madrugada nos bairros e esmagavam tudo o que lhes aparecia pela frente. As palhotas caíam umas atrás das outras entre um barulho de gritos aflitivos e chorosos dos homens, mulheres e crianças cujos corpos ficaram para sempre sob as lagartas dos tanques. Os colonialistas portugueses, segundo informações oficiais, assassinaram 302.646 Angolanos até fins de 1962 o que é um dos maiores crimes da História.

A 15 de Março, os patriotas negros, trabalhadores forçados nas plantações de café, iniciaram um ataque em massa em todo o norte de Angola, atacando comunicações e pontos importantes nas cidades, tentando destruir ao máximo a possibilidade de resistência por parte do exército colonialista. Os colonialistas, surpreendidos, abandonaram tudo, partindo para Luanda ou Lisboa.

Todos nós nos lembramos que em Portugal, nessa altura, foi feita pelo governo fascista uma tremenda

propaganda, tentando meter-nos na cabeça que "os pretos terroristas" eram uns "assassinos e ladrões" que "nos queriam roubar o que era nosso há 500 anos."

Claro que esta campanha, para nos fazer acreditar que esses territórios africanos são dos portugueses, não é nada de novo. Desde as primeiras descobertas, passando pelo Governo Republicano até ao governo fascista de Caetano, sempre os exploradores metralharam o nosso povo com mentiras, para que nos sentíssemos superiores aos negros, para lhes darmos razão na exploração e crimes que fizeram e fazem.

Os colonialistas dizem que durante 500 anos civilizaram e ensinaram esses povos mas isso não corresponde a verdade.

a escravatura

Quando a exploração colonial começou, os barcos partiam de Lisboa carregados de de utensílios de lata e cobre, pano de linho, coral e bugigangas, rosários e miçangas que eram trocados por ouro que ia encher os cofres dos reis, dos marqueses e de todos esses senhores.

Em Angola, por exemplo, o que os Portugueses queriam

que de escravos. So entre 1580 e 1680, foram exportados de Angola cerca de 1 milhão de escravos. A maior parte ia para o Brasil para as plantações de açúcar. Houve anos em que passaram pela alfândega da ilha do Príncipe, embarcados nos porões dos navios, 100 mil escravos. A população angolana que era em 1450 de perto de 18 milhões, em 1960 era de 3.319.000.

Depois de ter sido abolida a escravatura, pelo menos no papel, os colonialistas portugueses descobriram outra forma de escravatura que foi o trabalho forçado. O artigo nº 136 da Constituição Portuguesa diz: "O Estado pode forçar os indígenas a trabalhar em serviços públicos de interesse geral para a colectividade".

Desde que puseram o pé em Angola, os colonialistas usaram sempre o exército e a polícia para submeter as populações, de tal maneira que as populações de determinadas regiões foram obrigadas a refugiarem-se nos países que têm fronteira com Angola.

Os colonos quando chegaram ao Norte de Angola, por exemplo, apropriaram-se, à força da bala e do chicote, de todas as terras pertencentes



... não impedirão o Povo de Angola de alcançar a vitória.

não era, como diz a História de Portugal, "converter os selvagens a religião católica e alargar a nossa gloriosa Pátria". O que eles queriam era a prata e o comércio de escravos.

Em 1604, Cambambe que era considerada uma região onde havia prata, depois do metal ter sido explorado até ao fim, foi transformada, como todos os portos da costa angolana, em lugar de embar-

centes aos Angolanos. No distrito de Cabinda, cuja superfície total é de 727.000 hectares, os colonos brancos possuem 639.000 de terra.

O povo angolano não foi civilizado como dizem os fascistas e os senhores que se alimentam do trabalho dos Angolanos.

O povo angolano foi escravizado, foi obrigado a trabalhar debaixo do chicote

(Continua na pág. 8)

Prisões em Angola

No decorrer de Outubro e Novembro de 1969, teve início uma vaga de prisões sobre anti-colonialistas, tanto em Portugal como nas colónias e que se prosseguiu durante os primeiros meses de 1970.

Em Angola, foram presos cerca de 70 anti-colonialistas, dos quais se descohece, na sua grande maioria, a identidade, bem como o local exacto de detenção. As próprias famílias dos presos não tiveram direito a qualquer tipo de informação suplementar, sendo-lhes dito a um dado momento, que por decisão administrativa emanando do Governo Geral, os patriotas seriam deportados a partir do dia 28 de Abril 1970 para os campos de concentração do Tarrafal (em Cabo Verde) e S. Nicolau (em pleno deserto de Moçamedes, em Angola), por um período de tempo que varia entre 15 e 20 anos.

É provável, no entanto que os colonialistas não se tenham limitado a deportar combatentes para os dois campos de concentração citados, dado que se conhece a existência de outros campos, como, os de Missombo (nas chamadas terras do Fim do Mundo), na Baía dos Tigres, etc, onde se encontram vários milhares de heróicos combatentes dos exércitos de libertação nacional de Angola, Guiné e Moçambique. A título de exemplo, salientamos que só o campo de concentração de S. Nicolau detém actualmente 2.900 nacionalistas.

No decorrer dos interrogatórios dos combatentes presos em Angola, e que duraram 5 meses debaixo de todo o tipo de torturas, foi assassinado um destes, de nome Ventura, que sucumbiu às torturas.

Entre os 70 presos, só 2 entre eles terão direito a um julgamento, dado que os restantes, como vimos atrás, foram deportados para os campos de concentração por meio duma pura "medida administrativa" tomada pelo Governo Geral sob conselho da PIDE. Os dois combatentes em questão, que foram enviados para Lisboa onde serão julgados brevemente (data ainda não determinada) por "actividades contra a segurança de Estado", são os únicos brancos. Trata-se de António Ferreira Neto, médico, e Rui Ramos, estudante.

No grupo dos deportados para os campos de concentração, destaca-se um grupo de 36 jovens na sua maioria estudantes, e cujos elementos principais foram acusados do desvio para Pointe Noire do avião da DTA da carreira de Luanda - Santo António do Zaire.

(Continua na pág. 6)

Sarcelles : festa do povo

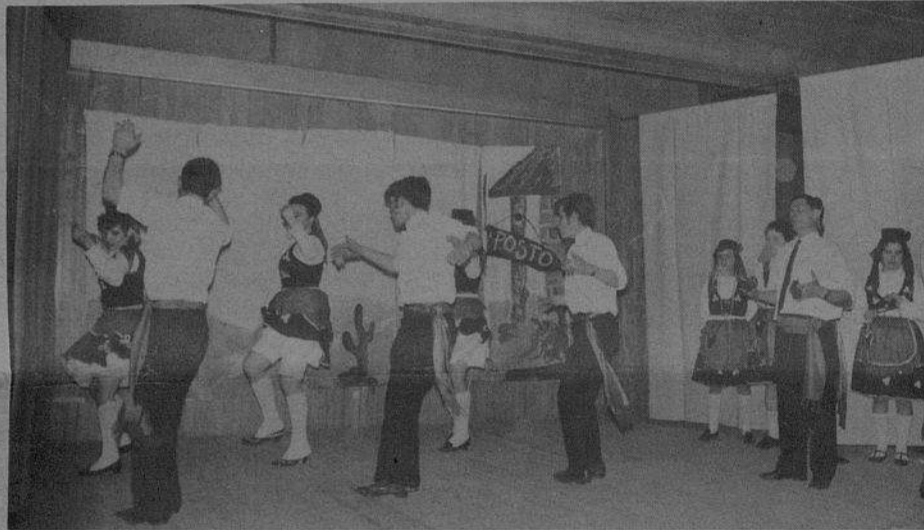


Realizou-se em Sarcelles, no dia 13 de Fevereiro, na sala des Vignes Blanches, uma festa organizada por um grupo de trabalhadores portugueses e amigos franceses com a colaboração do Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris.

A festa começou por volta das 9 horas da noite, apesar do início do espectáculo estar marcado para as 8 horas e tudo preparado para isso, porque a assistência

cantor Tino Flores e o grupo folclórico "Aldeias de Portugal" agradou à assistência que, com entusiasmo e animação, participou no espectáculo principalmente cantando os refrões das canções de Tino Flores. Depois, quando o espectáculo acabou, seguiu-se um bailarico que durou até de madrugada. Foi uma boa continuação da festa.

Desde há um ano que assistimos a festas de traba-



O rancho "Aldeias de Portugal" dirigido pelo Sr. Mota.

habituada como está a que os espectáculos não comecem a horas, foi chegando das 8 para as 9.

As 400 pessoas que assistiram ao espectáculo, assim como o decorrer do mesmo, mostraram o bom trabalho dos organizadores.

O programa composto da peça de teatro "A Excepção e a Regra", o acordeonista Fernando dos Santos e o cantor Carriço, todos do CJTPP, o

Mais uma criança portuguesa morta

(Continuação da pág. 5)

para poderem parar para procurar alojamento.

Vocês dizem que os grandes prédios fazem medo ao M. José (o pai do José António) mas, para poder entrar nesses prédios, mesmo se eles são HLM (e portanto construído com o dinheiro que não nos é pago das Allocations Familiales) é preciso esperar meses e até anose até arranjar uma cunha.

A verdade que o "Figaro" tenta esconder é que a Lei desta sociedade é para os trabalhadores, a miséria, e para os burgueses o luxo.

José Rocha

lhadores, mas esta foi sem dúvida, a melhor.

um clube de trabalhadores

Em Sarcelles existem cursos de alfabetização e uma equipe de futebol, iniciativas dos organizadores da festa.

Sobre a equipe de futebol, contaram-nos os responsáveis :

— "Tivemos de combater o derrotismo e o espírito de profissionalismo que o treinador queria dar à nossa equipe".

— "Nada de patrões no futebol!", votaram todos os componentes da equipe quando correram com o treinador: "Hoje somos cinco responsáveis pela equipe. Será em conjunto que decidiremos tudo." E sobre o espírito de competição :

— "O importante não é ganhar mas sim conviver, embora tenhamos ganho sempre".

Dias mais tarde, na reunião feita para o balanço da festa, apareceu como ideia principal desta : "Agora o que precisamos é de criar uma associação mesmo nossa. Sim! O clube dos trabalhadores portugueses de Sarcelles.

UMA EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

O primeiro número do nosso jornal apareceu em Novembro. Havia nele uma promessa : o de ser mensal, para poder informar com regularidade os trabalhadores emigrados acerca do que se passa, tanto em Portugal como no resto do Mundo. É uma tarefa difícil, especialmente quando os que têm a responsabilidade de o fazer aparecer no princípio de cada mês, são obrigados a trabalhar o dia inteiro. A falta de tempo, de colaboradores (que apenas, depois de saído o segundo número começaram a aparecer em quantidade satisfatória) e ainda dificuldades de ordem técnica impediram por duas vezes o Salto de fazer a sua aparição mensal. Disso pedimos desculpa aos nossos assinantes e leitores habituais.

Apenas pedimos em troca a sua compreensão para problemas que só o tempo e um número cada vez maior de colaboradores pode resolver.

Entra o Salto neste momento, esperamos, numa nova época. Começam, como já dissemos, a aparecer um número razoável de bons colaboradores, a sua distribuição começa a organizar-se e a cobrir progressivamente a emigração portuguesa em França e noutros países. Falo lentamente mas com segurança. Começa portanto a estar em condições de aparecer todos os meses. E, francamente, achamos que vale a pena umas horas perdidas depois de um dia de trabalho, para se poder fazer um jornal verdadeiramente independente de quaisquer interesses menos honestos, como conhecemos muitos casos na emigração que com isso tentam, mesmo em França, adormecerem-nos e viverem à nossa custa. Não tencionamos, de forma alguma, derramarmos umas lágrimas de crocodilo para dizermos que temos muita pena dos emigrantes, como é de bom uso na nossa terra; isto até porque também somos emigrantes. Se emigramos foi porque houve razões para isso. E por haver razões, há responsáveis. O que se pretende é que os emigrantes saibam quais são as razões e quem são os responsáveis para, mais tarde, serem os próprios emigrantes a poderem pedir contas dessa responsabilidade. É essa a nossa função e, podemos

(Continua na pág. 3)

CONHECE os clubes de trabalhadores

PARIS

Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris:

59, Rue de la Fontaine-aux-Rois, Paris 11.

Métro: République ou Goncourt

Escola de Francês : 2ª e 5ª feiras, a partir das 20 h.

Convívio, teatro, lições de viola às 2ª e 5ª feiras a partir das 20 h.

Centro Português de Iniciação Cultural

65, Rue Corvisar, Paris 13.

Métro Corvisar ou Place d'Italie.

Escola de Francês : 2ª 4ª e 6ª feiras das 20 às 22h.

Convívio : Todos os domingos a partir das 3 h.

IVRY-SUR-SEINE

Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris (seccão d'Ivry)

25, Rue Christophe Colomb Métro Pierre Curie e Mairie d'Ivry

Convívio, teatro, música, futebol, folclore e lições de Francês. Às 2ª 4ª às 20 h.

Nos Sábados a partir das 6h da tarde e nos Domingos das 3h da tarde.

BRIE-COMTE-ROBERT

Clube dos Trabalhadores Portugueses de Brie

4, Boulevard des Fossés

Todas as pessoas da região interessadas em praticar futebol, teatro e musica parem nesta direcção.

SARCELLES

Cursos de Francês em casa de Baltazar

Chambre 13, Eberge Guerra-Tarcy, Av. Marie-Blanche

CHATENAY MALABRY

Centro de Alfabetização Em frente ao Foyer da Citroen. 35, rue Jean Longuet

Cursos de Francês às 2ª, 3ª e 5ª feiras às 19h 30m.

HOLANDA

Associação Resistência e Trabalho

Brink 1A - Amsterdam

Cursos de Holandês às 3ª e 5ª feiras às 20h.

Secção social às 3ª, 6ª e sábados às 20h.

Em todos estes clubes os trabalhadores podem comprar e assinar o nosso jornal.

HÁ 10 ANOS, ANGOLA LEVANTOU-SE

(Continuação da pág. 7)

português e perden muitos dos seus filhos mortos à pancada ou a tiro. Mas o povo angolano compreendeu que a exploração dos colonialistas tem um fim e por isso, no dia 15 de Março de 1961, levantou-se em massa contra os pançudos que viviam à custa do seu sangue e do suor.

O dia 15 de Março de 1961 marca o início da grande lu-

ta do povo angolano pelo seu direito à liberdade e independência.

Ao mesmo tempo que o povo Angolano se levanta, o povo Português é obrigado a enviar a sua juventude para uma guerra injusta, para defender as propriedades dos colonialistas.

Colaboração O Salto e Novo Rumo